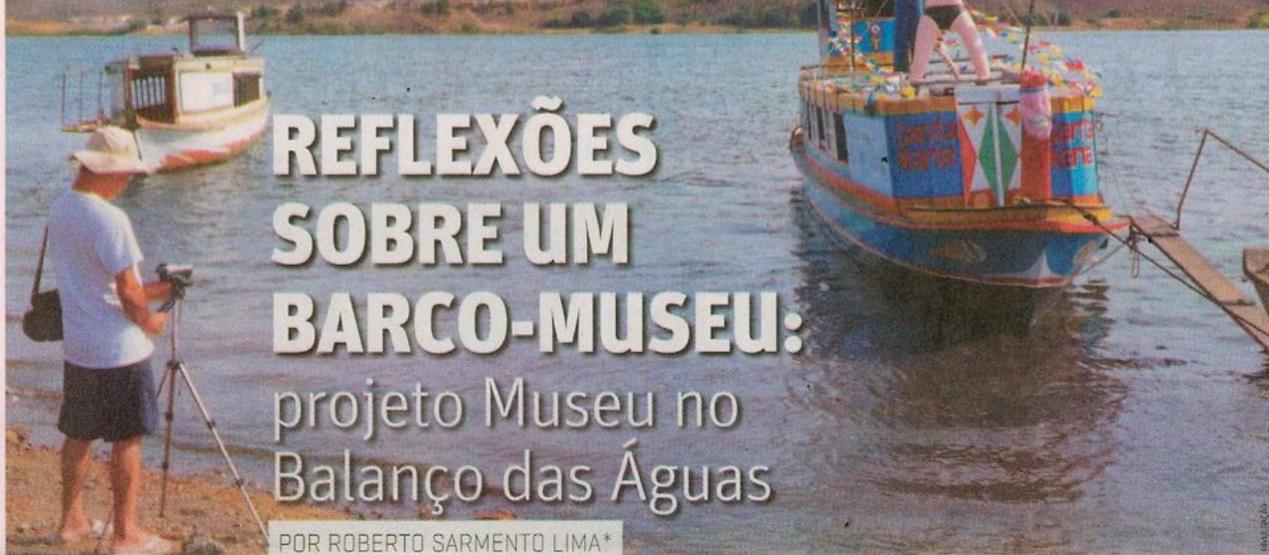


8 GAZETA DE ALAGOAS 07 DE SETEMBRO DE 2013

Saber

Dalton e o barco



REFLEXÕES SOBRE UM BARCO-MUSEU: projeto Museu no Balanço das Águas

POR ROBERTO SARMENTO LIMA*

A ideia de expor trabalhos da área das artes visuais e promover oficinas de arte, fazendo interagir profissionais com pessoas desejosas de expressão artística em um barco itinerante, pode estar relacionada com a ideia, bem antiga, da viagem por águas profundas, como a que fez Ulisses, na "Odisseia", de Homero, ou, mais recentemente, como a que se vê no "Conto da Ilha Desconhecida", de José Saramago. Embora esses textos não falem exatamente disso – o aproveitamento de uma experiência artística em um barco ou navio –, o que há de comum entre a proposta de desenvolver atividades de pintura, gravura, desenho e fotografia (ensinando, divertindo, levando à participação) e as obras literárias há pouco apontadas é a possibilidade de, pela viagem, ser possível também propiciar a reflexão sobre arte no mundo, que é um fazer efetivo, e não um sopro individual de inspiração, como há muito tempo se pensou. O projeto O Museu no Balanço das

Águas, sob a organização e orientação do museu Coleção Karandash, através de seus representantes, os artistas plásticos Dalton Costa Neves e Maria Amélia Vieira, guarda essa sintonia com a aventura, o prazer e a busca do conhecimento do novo (tema tanto da "Odisseia" quanto do conto contemporâneo de Saramago, ambos dialogando com a construção da essencialidade humana, o fazer-se enquanto se procura e busca um conceito de arte).

A vantagem de uma experiência como essa, nada convencional, é bom insistir nisso – por fugir da sala e do ateliê, das portas fechadas e da reclusão, voluntária embora, em um espaço próprio e particular, quase sacralizado, fato em que ainda se pensa, mesmo nos dias de hoje –, é passar uma concepção, cada vez mais atual, de interação e desmistificação desse tipo de atividade. É poder encontrar, nos mais variados tipos de pessoas, de comunidades que por princípio não tiveram acesso ao museu, sen-

tidos e expectativas que, no fim, podem ser aproveitados artisticamente. É a arte que se pratica indiferentemente – sem preconceitos ou elitismos de classe – na rua, no palco, na praça, nas margens do rio (no caso, o rio São Francisco, não sendo à toa que tenha sido batizado Rio da Unidade Nacional), enfim, nos mais inesperados recantos de um Brasil rural, posto à margem dos grandes centros. Por chamar atenção para o próprio fenômeno, por tirá-lo dos lugares consagrados e por envolver o maior número de pessoas, por definição alheias à visão que a arte traz, o projeto consegue realizar o que o crítico Antonio Candido chamou, em um ensaio seu, de "direito". Direito à arte, à capacidade de entrar em um mundo fabulado, seja pelo chiste, pela anedota, pela canção popular, até chegar às formas mais complexas de elaboração ficcional e artística. Chegou a dizer o crítico, acertadamente, segundo penso, que a arte é um fato de equilíbrio social, indis-

pensável, portanto, ao homem, como são indispensáveis a habitação ou a alimentação. Esse é também, pois, um direito a que o homem tem, além do direito ao acesso a bens incompressíveis, como a casa, o alimento, a roupa, o atendimento médico e a escola. Comida, diversão e arte, sentenciaram os Tí-tãs, grupo musical que, entre nós, se diferenciou, dos anos de 1980 para cá, por ser talvez o único, neste país, salvo engano, a refletir metalinguisticamente, no interior de suas composições, sobre a própria condição da arte na realidade contemporânea.

A iniciativa de trazer a arte para onde geralmente ela não está, ao menos em sua versão erudito-popular – sim, porque o que o projeto prevê e faz é a união do estudo com a experiência, numa unidade que foi e é aquilo que foi idealizado pelo proponente –, sem estabelecer divisões e separatismos que só estragam e diminuem, se tivessem sido o caso, a importância da proposta. Mas o que se presencia é justamen-

te o seu contrário: atendendo a uma prerrogativa contemporânea, a arte, tal como o projeto dos artistas Maria Amélia Vieira e Dalton Costa, com participação de Rubem Grilo, Adriana Maciel, Juarez Cavalcanti e Celso Brandão, prevê, se faz com matéria bruta, com pessoas ainda não educadas nesse campo de atuação e prestes também a receber essa educação, com recontextualização de materiais e, finalmente, com o apagamento da linha limítrofe entre o popular e o erudito, por meio de evidentes mesclas de estilos e atitudes artísticas. Dadas essas características fundamentais, comprovadamente testadas e realizadas, convenho que o projeto deva se prolongar e continuar o trabalho de arte-educação e de contínuo reexame de seus fundamentos e objetivos.

* É professor Doutor de Teoria da Literatura da UFAL; crítico literário com textos publicados em livros, revistas especializadas na área e em revistas de divulgação, como o Conhecimento Prático Literatura e Conhecimento Prático Língua Portuguesa, publicações bimestrais de Editora Escala Educacional, de São Paulo, desde 2009.

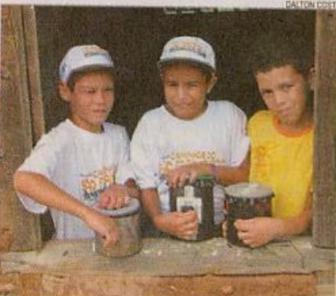
Itinerário do Barco-Museu

Neste dia 7 de setembro, o barco O Museu no Balanço das Águas, ancorado no município de Pão de Açúcar, a 250 km de Maceió, no Sertão, volta a navegar por entre os municípios de Belo Monte (a 230 km da capital), Pão de Açúcar (250 km) e Piranhas (280 km), visitando três comunidades localizadas às margens do rio São Francisco. Trata-se do projeto "O Museu no Balanço das Águas 2013" realizado pelo museu Coleção Karandash de Arte Popular e Contemporânea, este ano patrocinado pela Funarte e pelo Sebrae-AL. A embarcação segue em jornada de arte-educativa até o dia 15.

As oficinas (de foto-



À esquerda, o escultor e artesão Aberaldo Sandes. À direita, Os noivos, de Aberaldo Sandes



Garotos usam a técnica de pinhole para fotografar



Lúdico



Crianças na boca do vento



À esquerda, a união faz a força. À direita, Valmir em seu banco na boca do vento



grafia e artes visuais) começam em Belo Monte (dias 7, 8 e 9), seguindo para o povoado Ilha do Ferro (em Pão de Açúcar, nos dias 10, 11 e 12) e Entremontes (Piranhas, 13, 14 e 15). São seis oficinas, três dias em cada comunidade, com sete horas/aulas por dia. Novos artistas foram convidados – daqui e de fora; outros foram chamados de volta, como o fotógrafo Juarez Cavalcanti, que trabalha com os artistas visuais, o casal Dalton Costa e Maria Amélia Vieira, tutores do museu e coordenadores do projeto desde a primeira edição em 2008.

Os estreantes são os mineiros cariocas Rubem Grilo e Adriana Maciel – que realizaram, respectivamente, as oficinas "Colagem – Papeis das Imagens", de xilogravuras, e "Assim É, se lhe Parece", unindo cenografia e artes visuais – e o fotógrafo e documentarista alagoano Celso Brandão, convidado para realizar uma das disputadas oficinas de fotografia. Dalton Costa (Escultura) e Maria Amélia (Pintura e Desenho) completam o time.